

A influência positiva e terapêutica de animais no contexto hospitalar

Este artigo demonstra o quão positiva pode ser a experiência da inserção de animais no tratamento terapêutico de crianças em contexto de internação hospitalar, mostrando que os efeitos podem chegar até mesmo ao alívio da dor e do desconforto, classificando a ferramenta como bastante positiva e relevante.

A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas

The importance of pets' visit in recovery of hospitalized children

Andreia Maria Heins Vaccari¹, Fabiane de Amorim Almeida²

RESUMO

Objetivo: Compreender o significado da experiência vivenciada por crianças internadas em relação à visita de animais no hospital.

Métodos: Pesquisa exploratória descritiva, de abordagem qualitativa, realizada em um hospital pediátrico privado da cidade de São Paulo, sendo a amostra constituída por 13 crianças entre 3 e 6 anos de idade. A observação da criança antes, durante e após a visita dos animais e a entrevista com desenho foram as estratégias empregadas na coleta dos dados, que foram submetidos à técnica de análise de conteúdo de Bardin. **Resultados:** Três categorias de significados foram identificadas, evidenciando alguns dos benefícios dessa experiência para a criança "obtendo prazer no contato com o animal", "passando a interagir mais facilmente com a equipe e outras crianças" e "obtendo alívio da dor e desconforto". **Conclusão:** A visita dos animais descontrai o ambiente, propiciando maior interação da criança com os profissionais e demais crianças; contribui para que ela se torne mais cooperativa nos procedimentos hospitalares, além de atuar como estratégia alternativa no alívio da dor e do desconforto. Constata-se, ainda, que essa atividade traz benefícios não só para a criança, mas também para os adultos que cuidam dela.

Descritores: Animais domésticos; Criança hospitalizada; Enfermagem pediátrica

ABSTRACT

Objective: To understand the experience of hospitalized children when visited by animals at hospital. **Methods:** Descriptive and exploratory research with qualitative approach in a private pediatric hospital in the city of São Paulo, Brazil. Thirteen children aged three to six years were enrolled. Observation of the children before, during, and after the animal's visit, interviews, and drawings were some of the strategies used to collect data, which were submitted to the Bardin content analysis technique. **Results:** Three meaning categories were identified and showed some of the benefits of this experience to children "pleasant contact with the animals"; "easier interaction with staff and with other children"; "pain and discomfort relief". **Conclusion:** Animal visits make

the environment more relaxed, improve the interaction between the child, the staff and other children thus helping sick children to be more cooperative with hospital procedures. This is an alternative strategy for pain and discomfort relief. It has also been observed that this activity benefits not only children but also adults who care them.

Keywords: Animals domestic; Child hospitalized; Pediatric nursing

INTRODUÇÃO

A Terapia Assistida por Animais é um processo terapêutico formal em âmbito mundial, padronizada pela organização americana Delta Society. Congrega outras instituições, órgãos certificadores, grupos, cursos e voluntários, sendo que dele participam profissionais da área da saúde humana, animais, seus proprietários ou condutores⁽¹⁾.

Esses programas são aplicados a diversas pessoas e têm monitoramento profissional, com procedimentos claros, definidos para o cliente ou grupo de clientes. Têm metas e objetivos estabelecidos, que são medidos, tabulados e seus resultados, analisados. Esses programas apresentam muitos aspectos positivos e funcionam como estratégias adjuvantes em diversos tratamentos⁽¹⁾.

Existem programas formais e informais que podem também ter a terminologia de Atividade Assistida por Animais – AAA, nos quais não há um acompanhamento médico periódico. São realizados por meio de visitas, recreação e distração com o animal, seu proprietário e condutor⁽¹⁾.

Todos os animais utilizados nesses programas passam obrigatoriamente pela avaliação de profissionais da área de veterinária e da psicologia comportamental. Eles devem atender aos requisitos de saúde animal, sendo avaliados, reavaliados e monitorados. Os animais são testados quanto ao comportamento, obediência, socialização e aptidão, passando por reavaliações constantes⁽¹⁾.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein, São Paulo (SP), Brasil.

¹ Enfermeira, Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein – FEHIAE, São Paulo (SP), Brasil.

² Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP; Docente da Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein – FEHIAE, São Paulo (SP), Brasil.

Autor correspondente: Andreia Maria Heins Vaccari – Rua Orlando Murgel, 456 – Parque Jabaquara – CEP 04358-090 – São Paulo (SP), Brasil – Tel.: 11 3453-3596 – e-mail: andreiaheins@yahoo.com.br

Data de submissão: 25/8/2006 – Data de aceite: 19/3/2007

Muitas espécies de animais podem ser utilizadas para este fim, com destaque para a equina e a canina. A equinoterapia é difundida para o tratamento de pacientes com limitações físicas e mentais. Os cães, por sua vez, são utilizados em projetos de educação, psicoterapia e/ou fisioterapia em crianças, adultos e idosos, nas mais diversas situações físicas e psicológicas com bons resultados⁽²⁾.

Nascido em 1997, pela Dra. Hannelore Fuchs, que é psicóloga e veterinária, o Projeto PetSmile tem como objetivo a difusão do conceito de terapia assistida por animais e o oferecimento de um serviço comunitário filantrópico. O trabalho consiste em visitas quinzenais ou mensais dos animais e voluntários às instituições que trabalham com crianças carentes ou portadoras de deficiências físicas e mentais.

Desde os primórdios, o homem primitivo já convivia com animais. Os cães ofereciam proteção territorial ao proteger as cavernas contra invasores, além de ajudar nas caçadas. Hoje, além de segurança, essa relação homem-animal adiciona outras necessidades psicológicas⁽³⁾.

O vínculo entre o animal de estimação e o ser humano tornou-se objeto de pesquisa apenas há pouco tempo. No Brasil, as publicações a respeito dessa interação são quase inexistentes, destacando-se, como um dos primeiros, o trabalho de Silveira, em 1982, que descreveu sobre os efeitos positivos da ligação afetiva entre um cão e um paciente esquizofrênico⁽⁴⁾.

Nos EUA, há uma boa quantidade de publicações, sendo pioneiros os trabalhos de um casal de psiquiatras e de Levinson, que mostraram o valor terapêutico no tratamento de crianças e adultos com problemas psicológicos⁽⁵⁻⁶⁾.

Berzins e Fuchs citam algumas vantagens do convívio com animais de estimação como alívio em situações de tensão, disponibilidade ininterrupta de afeto, maior tendência a sorrir, companhia constante, amizade incondicional, contato físico, proteção e segurança, fazendo a pessoa ter o que fazer e no que pensar^(4,7).

Além dos efeitos psicológicos, os animais também podem trazer benefícios fisiológicos para as pessoas. Constata-se que, quando elas interagem com os seus animais, falando com eles, acariciando-os ou manuseando-os, há diminuição da frequência cardíaca e pressão arterial, atingindo esta última valores menores que os observados em pessoas na situação de repouso⁽⁸⁾.

Uma pesquisa realizada na Universidade da Pensilvânia estudou o efeito do isolamento social na sobrevivência de homens e mulheres vítimas de recente ataque cardíaco (infarto agudo do miocárdio e *angina pectoris*). Constatou-se que 14 deles tinham falecido após um ano; entretanto, no grupo dos sobreviventes, a posse de um animal de estimação parece ter contribuído para sua sobrevivência, já que, entre os falecidos, apenas três eram donos de animais. A princípio, acreditou-se que este fato estivesse relacionado ao exercício físico que o dono de

cão faz, mas esse efeito apresentou-se também em donos de qualquer outro animal de estimação⁽⁹⁾.

Estudos mostram, também, que a presença de animais em ambiente hospitalar diminui o tempo de internação, interferindo, inclusive, no humor das equipes de enfermagem e médica⁽¹⁰⁾.

A terapia com animais pode ser benéfica para qualquer ser humano, em diferentes situações de vida, mas é especialmente indicado para crianças. Buscando investigar qual a função do animal para a criança durante a infância, Levinson, em seu estudo, identificou-o como objeto de fantasia: como um companheiro imaginário, um agente por meio do qual a criança aprende a ser responsável, adquirir um sentido de identidade e desenvolver independência. Os animais são, para as crianças, como uma fonte de amor incondicional e lealdade, principalmente diante de punições. Servem de apoio durante as crises familiares, oferecendo consolo quando os adultos estão envolvidos com seus próprios problemas e assuntos^(1*).

Outras vantagens da relação animal-criança ainda são apontadas: ajuda a criança a desenvolver a capacidade de se relacionar com outras pessoas e de lidar com aspectos não-verbais, aprendendo a observar e interpretar a linguagem dos gestos, posturas e movimentos; favorece a aprendizagem de fatos fundamentais da vida (como o nascimento, o crescimento, a reprodução e a morte); ajuda a desenvolver atitudes humanitárias em relação ao animal como ser vivo; desperta a consciência ecológica⁽¹¹⁾.

A terapia com animais revela-se como uma importante estratégia de humanização da assistência à criança hospitalizada. Poderia então, essa terapia ser utilizada por enfermeiros em seu cotidiano?

Existem algumas iniciativas desse projeto em nosso país, em instituições para idosos (Recanto Monte Alegre), crianças portadoras de deficiência física (Lar Escola São Francisco) e com crianças internadas (Centro de Diálise da Unifesp e Hospital da Criança do Hospital Nossa Senhora de Lourdes)⁽¹²⁾.

Outro trabalho desenvolvido por enfermeiros relata o caso de uma criança internada que apresentava intensa tristeza. Diversas técnicas foram tentadas para amenizar o quadro (passeios, leituras, brinquedos e vídeos, entre outros). Não houve sucesso e, como ela manifestou vontade de brincar com um cachorro, foram programadas visitas de um cão aos domingos, no hospital. A partir de então, a criança tornou-se mais colaborativa, alegre e motivada⁽¹³⁾.

Motivadas pelas experiências positivas com o uso de animais relatadas na literatura e considerando que os estudos sobre o assunto ainda são escassos em nosso país, as autoras desenvolveram este estudo com a intenção de explorar as possibilidades do emprego da terapia com animais de forma mais significativa pelo enfermeiro, especialmente com crianças.

* Levinson BM. Pets and human development. Springfield, Illinois: Charles C. Tomas; 1972 apud Fuchs H. O animal em casa: um estudo no sentido de desvelar o significado psicológico do animal de estimação [tese]. São Paulo: Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo; 1987.

OBJETIVO

Compreender o significado da experiência vivenciada por crianças hospitalizadas em relação à visita de animais no hospital.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva, de abordagem qualitativa, realizada em um hospital pediátrico da rede privada, na cidade de São Paulo. Participaram da amostra 13 crianças com idade entre 3 e 6 anos, selecionadas por conveniência, respeitando-se os seguintes critérios de exclusão: alta iminente da criança, não consentimento do responsável legal para participar da pesquisa e debilitação do estado geral da criança.

A maioria das crianças era do sexo masculino (8; 61,54%), com predomínio para a faixa etária dos 3 anos (6; 46,15%), e todas permaneceram hospitalizadas por um período médio de três dias.

Tabela 1. Distribuição das crianças por idade e sexo (São Paulo, 2005)

Idade	Sexo				Total	
	Masculino		Feminino		N	%
	N	%	N	%		
3a-3a11m	4	30,77	2	15,38	6	46,15
4a-4a11m	3	23,08	–	–	3	23,07
5a-5a11m	1	7,69	2	15,38	3	23,07
6a-6a11m	–	–	1	7,69	1	7,69
Total	8	61,54	5	38,45	13	100

Após a autorização da instituição e da coordenadora do Projeto “Petsmile”, iniciou-se a coleta de dados. Estabeleceu-se um primeiro contato com a criança e seus familiares, a fim de explicar sobre a pesquisa e solicitar a autorização dos responsáveis legais para a participação dela. Era apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido, elaborado conforme as normas estabelecidas pela Resolução 196/96 do CNE, e o termo de compromisso do pesquisador, assegurando que os dados seriam utilizados exclusivamente para esta pesquisa.

Na primeira etapa da coleta, realizava-se uma atividade individual de desenho livre com a criança antes do momento da visita dos animais na unidade, com o objetivo de facilitar a interação entre ela e a pesquisadora. Durante a visita dos animais, a pesquisadora observava a criança, suas reações, comportamentos e atitudes, registrando-os por escrito em um diário.

Os animais chegavam ao hospital em caixas de contenção e cada voluntário recebia um animal e uma toalha do projeto “Petsmile”. As crianças eram visitadas em seus quartos, exceto aquelas em isolamento. Os animais eram colocados na cama e no colo das crianças sobre a toalha.

Posteriormente, todas as crianças eram convidadas a comparecer na sala de recreação, onde os animais eram colocados em cima de mesas. Neste momento, elas podiam manusear os animais, acariciá-los e alimentá-los.

Logo após o término da visita dos animais, realizava-se uma segunda entrevista com a criança, convidando-a a fazer um desenho sobre a visita. Ao finalizá-lo, a pesquisadora pedia para que ela falasse sobre o desenho e como foi a visita, gravando o seu relato em fita cassete.

Os desenhos não foram analisados, sendo utilizados apenas como estratégia de comunicação para estimulá-los a falar sobre a experiência com os animais.

Os dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin⁽¹⁴⁾. As entrevistas gravadas, transcritas integralmente, e as anotações feitas no diário foram submetidas a uma primeira leitura para análise global dos dados. Posteriormente, leituras repetidas possibilitaram organizar as informações, extrair as unidades de significado, transformá-las em códigos e agrupá-las em categorias.

RESULTADOS

A análise dos dados permitiu identificar três categorias de significados e suas respectivas subcategorias. Trechos das observações e verbalizações das crianças serão apresentadas para ilustrar as categorias, utilizando-se códigos (S1, S2, S3...), a fim de manter o sigilo sobre a identidade dos sujeitos.

Obtendo prazer no contato com o animal

Assim como qualquer atividade lúdica, a interação com animais dá prazer e isso ficou evidente entre as crianças observadas, que sorriam e até gargalhavam durante a visita dos animais. Queriam pegá-los, vê-los outros dias e, às vezes, relutavam em deixá-los partir.

No primeiro encontro, R. desenhou pouco, estava tímida e desconfiada. Assim que viu os animais, saiu correndo e sorrindo foi para a sala de atividades. Alimentou a tartaruga e o porquinho-da-índia. Chamou sua mãe e sua avó que estavam no quarto para ver a cadela comer maçã. No segundo encontro, falou-me sobre o coelho, o porquinho-da-índia e a cachorrinha... “Querida que eles voltassem aqui.” S12

O animal balançava as orelhas, V. dava gargalhada e queria assoprar cada vez mais... S4

O contato físico com o animal

Todas as crianças queriam tocar e pegar os animais, mesmo aquelas que inicialmente mostravam-se desinteressadas por eles.

A voluntária perguntou se V. gostaria de ver a tartaruga e ele disse que sim. A tartaruga veio, ele a observou, tocando-a. Ela se escondia em seu casco e ele ria. Na sala de atividades, V. deu comida para tartaruga, dava gargalhada com os animais que corriam pela mesa. Acariciou o coelho e a chinchila, falando sobre a diferença entre os pêlos dos dois. S4

“Eu gostei daquele arrepiado... A tartaruga tava com frio... ela estava fria... a cachorrinha era quentinha...” S12

Elas pareciam muito satisfeitas em cuidar dos animais, alimentando-os e segurando-os no colo, ainda que algumas crianças não mostrassem muita habilidade. Acariciavam-nos e sorriam, como se sentissem muito prazer nesse momento, que também se constituía em oportunidade de aprendizado.

“Eu dei cenoura...para aquele...o rato.” S8

“Eu gostei do coelhinho porque eu fiz carinho nele e dormiu no meu colo bastante tempo” S1

Agarrou o coelho, apertando-o. Foi orientado pelos voluntários do projeto para que não fizesse isso, pois machucava o animal. Ele parou, olhou sério para o voluntário e acariciou o coelho. O voluntário disse: "Isso mesmo, assim você não machuca o coelhinho". E J., com um sorriso no rosto, continuou a passar a mão no animal... S2

Demonstrando pouco interesse pelos animais

Uma criança pareceu não se interessar muito em receber os animais no quarto, mas, durante a atividade, ficou claro que sentia prazer em interagir com eles...

"...G. diz que não gosta de animais, só de dálmatas. Pergunto se ele vai querer ver os animais que já estavam chegando para visitá-lo, mas G. diz que não quer ver os animais porque eles fazem coco e são fedidos....Porém, quando o porquinho-da-índia chegou ao seu quarto, G. não mostrou resistência, quis que o animal fosse colocado em sua cama. Acariciou o animal. Pediu para ver outros animais. Recebeu o coelho e a chinchila em seu quarto. Sorria e acariciava os animais....depois se levantou da cama, calçou os chinelos foi até a sala de atividades... Alimentou a tartaruga e o porquinho-da-índia... Interagiu com outras crianças e com todos os animais, exceto com a cachorra porque ele disse que só gosta de dálmata... " Eu passei a mão neles e dei comida." S7

Não podendo usufruir plenamente da experiência

Duas crianças não puderam participar integralmente das atividades, pois as mães estavam receosas de que elas adquirissem doenças, restringindo o tempo de contato dos filhos com os animais. Um dos pais também estava apreensivo com a presença dos animais, ainda que não se opusesse à visita deles, após ser orientado.

A mãe achava que podia causar alguma doença, alguma alergia. Não queria que os animais fossem recebidos no quarto, na cama da criança, mas quando o coelho entrou no quarto, deixou que o animal fosse colocado junto da criança, desde que suas roupas fossem trocadas logo após a visita... Depois, a criança foi até a sala de atividades, porém a mãe disse que ele só ficaria um pouco mesmo após ser orientada... Depois de uns 15 minutos, voltou para o quarto a pedido da mãe. S9

D. estava sentada na poltrona, contando para seu pai que tinha acabado de chegar sobre a visita dos animais. O pai estranhou, perguntando se não havia problema de contaminação da criança pelos animais... Mais tarde, a mãe disse que a criança tinha ficado mais animada e tinha até saído da cama após a visita... S6

Passando a interagir mais facilmente com a equipe e as crianças

Todas as crianças passaram a interagir mais com os profissionais de saúde após a visita dos animais, demonstrando maior intimidade e afinidade com a pesquisadora. Conversavam mais com os adultos, mostravam-se mais colaborativas nos procedimentos e menos tímidas, expressando-se mais facilmente e participando mais intensamente das atividades lúdicas na unidade.

Tornando-se mais ativo nas interações e no desenvolvimento das atividades

Algumas crianças tornaram-se mais ativas e interessadas após a visita dos animais, verbalizando com maior frequência, mostrando-se mais desinibidas e relaxadas junto à pesquisadora, a quem procuravam para desenhar. Destaque-se que algumas delas quase não conversaram com a pesquisadora no primeiro encontro, passando a verbalizar apenas no segundo.

Na primeira fase da pesquisa, R. desenhou pouco, estava tímida e desconfiada, quase não falou e só respondia às perguntas balançando a cabeça. Não ficou sentada por muito tempo, logo se levantou e foi para o corredor... No segundo momento da pesquisa, R. estava ainda na sala de atividades contando sobre

a visita para seu irmão e seu pai que chegaram mais tarde. Quando R. viu na porta da sala, levantou-se, pegou minha mão e falou para sentarmos numa mesinha com dois banquinhos para desenharmos. Sentei-me e juntas desenhemos os animais. S12

Após a visita dos animais, percebeu-se que as crianças também se expressavam mais facilmente por meio dos desenhos, empenhando-se mais nessa atividade: dedicavam maior tempo a ela, faziam um maior número de desenhos, além de utilizarem maior diversidade de cores. Além do mais, passavam a solicitar mais a participação da pesquisadora na confecção dos desenhos.

Nesses momentos, elas mostravam-se capazes de tomar a iniciativa, decidindo e explorando o ambiente a sua volta, demonstrando uma curiosidade especial em relação ao gravador. Pareciam estar mais bem adaptadas ao hospital, na medida em que se mostravam capazes de dominar a situação, apesar de permanecerem internadas por curto período (em média três dias).

No primeiro encontro, S. não quis desenhar, estava tímido e desconfiado, conversou pouco e depois de muita conversa, desenhou uma bola colorida somente. Estava com dificuldade de desenhar devido à punção de um acesso venoso em seu braço direito. No segundo momento, quando cheguei ao seu quarto para desenhar, S. mostrou-se menos tímido... "Vou desenhar um menino... Não sei desenhar animais..." S3

Começou a desenhar e pediu para que eu a ajudasse, porque ela não sabia como desenhar a tartaruga. "Me ajuda a desenhar o coelho?... Faz a tartaruga para mim..." Sentou em meu colo para desenharmos juntas. Eu desenhava e ela pintava os animais. S8

"Você me ajuda, tia?" S12

O contato com as demais crianças também foi maior após a visita dos animais, pois muitas delas permaneciam na sala de atividades, brincando e conversando umas com as outras sobre as experiências com os animais. Uma delas, inclusive, que era bastante tímida, começou a sair do quarto e brincar com as outras crianças somente depois da visita dos animais.

Depois que os animais foram embora, J. não quis voltar para o quarto. Ficou na sala brincando com outras crianças. Suas irmãs chegaram e J. contou sobre os animais que estiveram lá, que eles foram ao seu quarto, que ficaram na mesa comendo e que alguns corriam de um lado para o outro... S11

Cooperando com os procedimentos realizados

Em duas ocasiões, as crianças mostraram-se mais receptivas aos exercícios respiratórios realizados com a fisioterapeuta, a partir do momento em que ela utilizou os animais para criar uma situação lúdica. A sessão de fisioterapia tornou-se uma diversão para a criança.

Em um dos casos, a criança estava sem vontade de realizar os exercícios respiratórios, mas, ao pedir para que assoprasse os pêlos dos animais, ela passou a assoprar cada vez mais e mais forte os pêlos do animal, sorrindo e gargalhando. A outra criança era bastante ativa e não parava quieta para realizar os exercícios. Quando a fisioterapeuta sugeriu-lhe que assoprasse os pêlos do animal, ela manteve-se concentrada na atividade e permanecendo maior tempo envolvido com ela.

J.P. estava com a fisioterapeuta em seu quarto, quando a cadela chegou. A fisioterapeuta estava começando os exercícios respiratórios. Aproveitando a oportunidade, colocou-se a cadela no colo de J.P. e pediram para que ele assoprasse os pêlos do animal. A fisioterapeuta dizia: "Vamos lá J. quero ver

os pelinhos da Paty levantarem, quero ver como é a pele dela". E J.P. com entusiasmo assoprava cada vez mais forte. Parava e ria. E com o estímulo da fisioterapeuta assoprava novamente. J.P. fez todo o ciclo de exercícios respiratórios sem reclamar e não queria parar de brincar com a cadela. S5

Vale citar, ainda, o caso de uma criança que se apresentava bastante desconfiada e assustada em relação aos profissionais e, após a visita dos animais, passou a chorar menos durante os procedimentos, como na administração de medicamentos endovenosos, por exemplo, demonstrando maior confiança nos adultos à sua volta.

Obtendo alívio da dor e desconforto por meio da experiência com animais

Duas crianças que se queixavam de dor apresentaram redução das queixas durante e após a visita dos animais. Assim como o brincar, o contato com os animais pode ser uma estratégia efetiva de distração, parecendo ter contribuído, pelo menos em parte, para o alívio da dor da criança.

... J. era tímida, não conversava com a pesquisadora, somente desenhou sua tartaruga na primeira fase da pesquisa. Quando os animais chegaram, a criança estava chorando e referia dor abdominal, estava encolhida na cama e toda coberta. Logo que os animais entraram em seu quarto, a criança parou de chorar, se descobriu e sentou-se na cama. Pediu para segurar o coelho no colo, quis ver a cadela e o porquinho-da-índia. Foi convidada para ir à sala de atividades para continuar com os animais. J. se levantou, colocou seu chinelo e foi. Lá acariciou os animais, brincou com eles e os alimentou. Após a visita, não quis voltar para o quarto, ficou brincando com outras crianças na sala. Na segunda fase da pesquisa, encontrei-a ainda na sala de atividades brincando com suas irmãs e outras crianças brincando no escorregador. Perguntei se ela gostaria de desenhar... Desenhou e pintou todos os animais que ela viu, conversou bastante e não se queixou mais de dor. Ela não foi medicada para dor nem antes, nem após a visita dos animais. S11

DISCUSSÃO

A visita dos animais propicia momentos felizes às crianças, que se esquecem dos traumas da hospitalização por algum tempo, guardando em suas memórias lembranças boas da convivência com eles.

A companhia dos animais pode afastar a dor, a tristeza e o medo, mesmo que temporariamente, preenchendo o vazio da solidão. Também favorece o desenvolvimento de sentimentos positivos, a troca de afeto e a sensação de conforto e bem-estar, à medida que propicia o estabelecimento de um vínculo com as pessoas. A distração que eles proporcionam tem um efeito reparador e renovador⁽¹⁵⁾.

A diminuição do aborrecimento e do sentimento de solidão e isolamento, assim como a melhora da socialização, que são alguns dos objetivos alcançados pela terapia assistida por animais segundo a literatura, também foi observada entre as crianças deste estudo. Essa atividade contribui para que os pacientes se tornem menos desinibidos, favorece a expressão de sentimentos e reduz a ansiedade⁽¹⁵⁻¹⁶⁾.

Um estudo realizado na Universidade de Tel Aviv enfatiza o benefício do contato com animais no alívio da ansiedade. Os pesquisadores ofereceram aos participantes da pesquisa animais como coelho e tartaruga e brinquedos

com a forma desses animais. Os resultados evidenciaram redução da ansiedade quando as pessoas acariciavam os animais de verdade, inclusive entre aquelas que não se afeiçoavam com animais, não sendo verificado o mesmo efeito com os animais de brinquedo⁽¹⁷⁾.

A redução da ansiedade é um dos resultados positivos relatados em outra experiência descrita na literatura sobre os benefícios da presença de um cão durante a fisioterapia convencional. A diminuição do tônus muscular, da dor e dos níveis de pressão arterial também foi apontada pelo autor, que enfatiza, ainda, que os animais proporcionam uma sensação de segurança ao paciente, além de melhorar a concentração e atenção⁽¹⁵⁾.

Em duas ocasiões, a visita dos animais também foi utilizada neste estudo como estratégia de motivação pela fisioterapeuta, que obteve resultados positivos, com destaque para uma das crianças que, por ser muito ativa, tinha dificuldade para prestar atenção e se concentrar.

Em relação aos benefícios dos animais para a comunicação e interação, Johnson relata o caso de uma criança, que passou a isolar-se socialmente após um acidente, não se comunicando com a equipe do hospital e permanecendo somente em seu quarto. Porém, quando filhotes eram levados até ela, imediatamente relaxava e começava a interagir, passando gradativamente a frequentar a sala de jogos com outras crianças do hospital e a sair com o grupo para o zoológico⁽¹³⁾. Resultados similares também foram observados neste estudo.

Esse mesmo autor relata outra experiência com uma criança portadora de distúrbios cerebrais graves, que não se comunicava verbalmente e que, após receber a visita de um cão, apresentou melhora na auto-estima e na habilidade para se comunicar com as pessoas. Durante essa experiência, ela tinha a oportunidade de oferecer apoio a outro ser vivo, revertendo seu papel de ser apoiada, possibilitando a ela perceber-se como uma pessoa útil e benéfica⁽¹⁸⁾.

Sem dúvida, a comunicação tem um papel importante no tratamento, principalmente de crianças hospitalizadas. Mas iniciá-la é, por vezes, mais difícil do que mantê-la e os animais podem ser de grande valia nesse momento, como se observou neste estudo, quando as crianças tornavam-se mais receptivas aos profissionais da unidade e à pesquisadora após a visita dos animais. Eles se tornam um elo, um método viável e válido para que a comunicação seja estabelecida, destacando-se que Freud já utilizava seu cão durante as consultas, por acreditar que a simples presença do animal ajudava a tranquilizar o paciente e a descontraí-lo o ambiente⁽¹⁹⁾.

Bussotti, Leão, Chimentão e Silva também enfatizam a capacidade que têm os animais de descontraí-lo o ambiente, melhorando o humor das pessoas, ao relatarem a experiência de terem propiciado a uma adolescente com câncer em fase terminal a visita de seu cão de estimação. Os resultados evidenciam a importância de utilizar novas estratégias como esta na prática de enfermagem, contribuindo de modo tão significativo para melhorar a

qualidade da assistência⁽²⁰⁾.

É nítido o fato de que a presença dos animais proporciona às pessoas uma tendência maior a sorrir. Não só as crianças, mas também os funcionários do hospital passaram o tempo da visita sorrindo e se divertindo, reforçando o que diz a literatura sobre o fato de que a presença de animais no hospital ajuda a descontrair o clima de tensão, contribuindo para melhorar o humor da equipe multidisciplinar^(10,16).

Em relação ao manuseio dos animais, a preferência das crianças pelos animais com pêlo (coelho, chinchila, cachorro...) torna-se evidente em seus relatos, assim como a sensação de prazer sentida por elas. Assim como os idosos, as crianças recebem estímulos sensoriais importantes ao perceberem a diferença entre as raças, tipos de pêlos, variedade de texturas e cores⁽¹⁵⁾.

Algumas crianças pareciam ter dificuldades para manusear o animal, apertando-o, agarrando-o e puxando seus pêlos, passando a segurá-los mais confortavelmente quando o voluntário lhes explicava que podiam machucá-lo.

Durante a terapia com os animais, as crianças têm oportunidade de aprender muito sobre eles. À medida que observam e discutem com o adulto e outras crianças sobre os comportamentos deles e como podem se sentir em certas situações, identificam as características da raça (como hábitos e temperamento), suas necessidades e os cuidados que deve ter com eles, conseguindo receber e dar afeição apropriada⁽¹⁵⁾. Vale ressaltar que, atualmente, é cada vez mais difícil para as crianças ter contato com os animais no seu dia-a-dia.

Quanto à limitação imposta por alguns pais em relação a visitas prolongadas dos animais, é natural a preocupação deles e também dos profissionais em relação à eventual transmissão de doenças. No entanto, vale lembrar que os animais são treinados e periodicamente examinados por veterinários experientes, além de serem adequadamente higienizados para esse fim. A saúde física do animal é um aspecto essencial para o sucesso dessa atividade, visando a garantir que não haverá a transmissão de zoonoses⁽²⁾.

Todavia, verifica-se que, ao constatarem a alegria dos filhos, os pais, em sua maioria, acabam se conscientizando dos benefícios dessa terapia, tornando-se colaboradores e participantes, beneficiando-se também da experiência.

CONCLUSÃO

Os resultados mostraram que a visita dos animais é uma experiência muito prazerosa para a criança hospitalizada. Essa atividade melhorou a interação da criança com a equipe multidisciplinar e demais crianças.

O contato com os animais também contribuiu para que as crianças se tornassem mais cooperativas nos procedimentos hospitalares, provavelmente pelo fato de se sentirem mais relaxadas e conseguirem confiar no ambiente, onde não só acontecem situações desagradáveis, mas também momentos de prazer e diversão.

O alívio da dor e do desconforto foi outro benefício constatado neste estudo, seja pelo fato de que os animais atuaram como estratégia de distração para a criança, fazendo-a esquecer da dor, ou simplesmente por trazerem descontração ao ambiente, aliviando a tensão e a ansiedade.

Por fim, a terapia com animais evidenciou-se como uma atividade extremamente prazerosa, não só para as crianças, mas para os adultos à sua volta, que sorriam com mais frequência e, no caso dos funcionários, pareciam trabalhar com mais disposição.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Hannelore Fuchs e toda a equipe do Projeto “PetSmile”, pela colaboração imprescindível na realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

1. Delta Society. Atividade e terapia assistida por animais. A/TAA [texto na internet] 2005 [citado 2005 Mar 19]. Disponível em: <http://www.projetoacao.com.br/main.htm>
2. Oliva VNLS. A terapia assistida por animais: o papel do médico veterinário. Boletim Informativo [documento na Internet] 2004;34 [citado 2005 Fev 20]. Disponível em: www.anclivepa-sp.org.br/rev35-01.htm
3. Starling A, Thomas M, Guidi M. O significado do animal de estimação na família. Trabalho de conclusão de curso [texto na Internet]. [citado 2005 Fev 10]. Disponível em: <http://culturapsi.vila.bol.com.br/animal.htm>
4. Fuchs H. O animal em casa: um estudo no sentido de desvelar o significado psicológico do animal de estimação [tese]. São Paulo: Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo; 1987.
5. Corson SA, Corson EO. Pets as mediators of therapy. *Curr Psychiatr Ther*. 1978;18:195-205.
6. Levinson BM. The dog as a co-therapist. *Ment Hyg*. 1962;46(1):59-65.
7. Berzins MAVS. Velhos, cães e gatos: interpretação de uma relação [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000.
8. Lynch JJ, Thomas SA, Long JM, Malinow KL, Chickadonz G, Katcher AH. Humam speech and blood pressure. *J Nerv Ment Dis*. 1980;168(9):526-34.
9. Katcher AH, Friedmann NE. Potencial health value of pet ownership. *Comp Cont Educ Veterinarian*. 1980;11(2):117-22.
10. Klinger K. Pesquisas mostram benefícios do convívio com animais. *Jornal Folha de S. Paulo* [periódico na Internet] 2004 [citado 2005 Mar 19]. Disponível em: www.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u3714.html
11. Garcia A. O emprego de animais na terapia infantil. *Pediatr Mod*. 2000;26:75-9.
12. Terapia mediada por animais. *Revista Coren-SP*. 2004; 53(1):12-3.
13. Lourenço FC, Cazeloto MAR, Maria VRL. Terapia com cães: um relato de experiência com crianças cardiopatas. In: 1º Congresso Brasileiro de Enfermagem Pediátrica e Neonatal. Ribeirão Preto. São Paulo; 2003.
14. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.
15. Dotti J. Terapia e animais: atividade e terapia assistida por animais – A/TAA: práticas para organizações, profissionais e voluntários. São Paulo: Noética; 2005.
16. Kawakami CH, Nakano CK. Experiment report: animal assisted therapy (AAT) – another resource in the communication between patient and nurse. In: Proceedings of the 8th Brazilian Nursing Communication Symposium [Proceedings on line]; 2002 May 02-03; São Paulo, SP, Brazil. 2002 [citado 2005 Apr 14]. Available from: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000052002000100009&lng=en&nr m=van.
17. Mannucci A. Fazendo amigos. *Rev Viver Mente & Cérebro* 2005 [citado 2005 set 27]. Disponível em: www.uol.com.br/vivermente/conteudo/materia/materia_32.html
18. Johnson J. A pet can say “you’re special” to a special child. *PTA Today*. 1983;8(6):17-9.
19. Telhado J. Animais ajudam a curar. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro; 2001. p. 9.
20. Bussotti EA, Leão ER, Chimentão DMN, Silva CPR. Assistência individualizada: posso trazer meu cachorro? *Rev Esc Enf USP*. 2005;39(2):195-201.